

Desafios do ensino de Língua Portuguesa na fronteira – Brasil/Paraguai

Desafíos de la Enseñanza del idioma Portugués en la frontera - Brasil/Paraguay

Adriana Nascimento Silva¹

Sirlei Pereira dos Reis²

Resumo

Este trabalho pretende averiguar as dificuldades encontradas por nós professoras no ensino de Língua Portuguesa, dentro do espaço escolar, e verificar como o ambiente transcultural pontaporanense, da fronteira Brasil/Paraguai, influencia no processo de ensino-aprendizagem. Discorreremos sobre como trabalhar com os alunos fronteiriços, respeitando sua língua materna e sua cultura, sem imposição da nossa língua e, conseqüentemente, de nossa cultura. A aprendizagem significativa depende da relação do sujeito social aluno com o aprendizado referendado pelo sujeito social professor em um espaço complexo do multilinguismo. Este é um trabalho de pesquisa qualitativa e tem como base as pesquisas de Silva e Tristoni (2012), Stuart Hall (2005) e as leis que amparam o ensino como o Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul (2012), os PCNs (2006), a LDB (1996) e a Constituição Federal do Brasil (1988), dentre outros.

Palavras-chave: cultura; bilinguismo/multilinguismo; ensino-aprendizagem.

Resúmen

Este trabajo tiene como objetivo averiguar las dificultades encontradas por nosotras profesoras en la enseñanza de la Lengua Portuguesa, en el entorno escolar, y verificar cómo el ambiente transcultural pontaporanense, de la frontera Brasil/Paraguay, influye en el proceso de enseñanza-aprendizaje. Reflexionamos acerca de cómo trabajar con los estudiantes de la frontera, respetando su lengua materna y su cultura sin imponer nuestra lengua y por consiguiente, nuestra cultura. El aprendizaje significativo depende de la relación del sujeto social alumno con el aprendizaje sancionado por el sujeto social profesor en un espacio complejo del multilingüismo. Este es un trabajo de investigación cualitativa y se basa en la investigación de Silva y Tristoni (2012), Stuart Hall y las leyes que amparan a la enseñanza

¹ Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Joaquim Murinho – Ponta Porã/MS e graduada em Letras - Português/Espanhol pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná-PUCPR.

² Professora de Língua Portuguesa da Escola Estadual Joaquim Murinho – Ponta Porã/MS e graduada em Letras - Português/Inglês pelas Faculdades de Fátima do Sul-FAFS-MS.

como el Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul (2012), los PCNs, la LDB y a Constituição Federal do Brasil, entre otros.

Palavras-clave: cultura; bilingüismo/multilingüismo; enseñanza-aprendizaje.

O início de um desafio

Este trabalho objetiva investigar as dificuldades do ensino de Língua Portuguesa para alunos do 6º ano do Ensino Fundamental e do 2º ano do Ensino Médio da Escola Estadual Joaquim Murtinho, localizada no centro do município de Ponta Porã, Mato Grosso do Sul, cidade que faz divisa com Pedro Juan Caballero, Paraguai. Esses alunos convivem diariamente com um cenário intercultural de fronteira.

O problema que norteou a pesquisa foi a observação da dificuldade dos alunos nas aulas de leitura e nas produções escritas e, portanto, os obstáculos de nós como professoras de trabalharmos com a leitura e corrigirmos os textos dos alunos repletos de palavras em língua espanhola e problemas ortográficos provenientes da proximidade das duas línguas estudadas, então, começamos a nos questionarmos sobre o que fazer para ajudá-los a ler com fluência e escrever com correção em Língua Portuguesa.

Assim, tendo como base os questionamentos em sala de aula e a necessidade de melhorar o ensino de Língua Portuguesa na fronteira, pretende-se, neste artigo, fazer uma breve análise dos desafios do ensino-aprendizagem dessa disciplina em um contexto plurilíngue e multicultural, tanto para o aluno quanto para o professor.

Os alunos que frequentam a escola citada são pessoas, que na maioria das vezes, estão à margem da sociedade, sofrendo diversos tipos de violências e preconceitos. A grande parte apresenta na sua vida escolar, índices de baixo rendimento, vulnerabilidade e poucas expectativas em relação ao futuro acadêmico e social.

Segundo o Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul (2012, p. 48), é importante que as escolas de fronteiras tenham como foco principal a integração, a quebra de fronteira, além da ampliação das oportunidades do aprendizado de uma segunda língua, aproximando as culturas e integrando alunos de forma a não anular essa diversidade cultural existente na fronteira Brasil/Paraguai.

A professora Sirlei Pereira dos Reis, trabalha desde 2011, na disciplina de Língua Portuguesa com as turmas do Ensino Médio e Fundamental II, e a partir do segundo semestre (2015), a professora Adriana Nascimento da Silva assumiu as turmas do Fundamental II.

De acordo com as observações em sala de aula, notamos a existência de dois padrões estabelecidos, um para os alunos do Ensino Fundamental e outro para o Ensino Médio com relação ao aprendizado de Língua Portuguesa.

Durante o ano de 2014, 2015, 2016, trabalhamos com turmas bem diferenciadas, com alunos de periferia, alunos que moram no Paraguai e que vêm estudar no Brasil, e participam de projetos tais como: Aceleração de Estudos e Educação de Jovens e Adultos.

Porém, observamos uma situação, que o aluno não gostava quando falava que ele era Paraguai ou de outra etnia, observamos também, que alguns alunos traziam outra camiseta para usarem em cima do uniforme escolar para retornar ao país de origem, após o término da aula na escola brasileira.

Em relação à oralidade, notamos que no Ensino Fundamental o sotaque é muito presente na fala do aluno no momento da leitura, na escrita temos a dificuldade da ortografia das palavras, pois os alunos mantêm traços da língua materna. Um exemplo disso é a escrita da palavra “quando”, eles escrevem “cuando”, trocando o /q/ pelo /c/, outro exemplo é em relação ao uso correto do g ou j, eles respondem que tanto faz “o som não é igual, professora?”.

Já no Ensino Médio, os alunos se relacionam melhor com as duas ou mais línguas, fazendo o uso adequado ora da Língua Portuguesa, ora da Língua Espanhola. Porém, a nossa maior preocupação dos alunos do Ensino Médio, é em relação a leitura, produção de textos, coesão e coerência.

A Língua Espanhola e o Guaraní não estão presentes em suas falas em sala de aula, fazem uso das línguas maternas, mas não com tanta frequência, como no Fundamental II.

Como professores do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio na fronteira, as dificuldades são muitas em relação à leitura, escrita e avaliação, pois avaliamos também a oralidade dos nossos alunos. E como fazermos essa avaliação respeitando a sua língua materna?

Entre teorias e práticas na fronteira

No cenário intercultural de fronteira, o ensino de Língua Portuguesa requer do professor muita pesquisa e constante estudo, visando encontrar estratégias que mais se aproximem da realidade de seus alunos. É fundamental que o professor valorize e repense a diversidade e a cultura em sala de aula nas aulas de Língua Portuguesa.

Muitas vezes, o ensino na fronteira acontece sem levar em consideração a natureza plurilíngue e pluricultural dos alunos e isso refletirá em um baixo desempenho, levando ao abandono dos estudos, ou seja, à evasão escolar. Segundo as pesquisadoras Silva e Tristoní (2012, p. 236) “a imposição do português padrão não se refere somente à imposição de uma língua, mas, também, de uma única cultura e de uma única identidade, para todos”.

A partir do que apontam as autoras, pode-se perceber que os alunos criam uma barreira perante o aprendizado da Língua Portuguesa como segunda língua, eles se veem em conflitos diante dessa imposição da língua e da cultura, sentindo-se estranhos e excluídos.

Nesse contexto, o processo de aprendizagem é dificultado por questões culturais e de identidade e isso deve ser levado em conta pelo professor, pois conforme cita Hall (2005, p. 40), “falar uma língua não significa apenas expressar nossos pensamentos mais interiores e originais; significa também ativar a imensa gama de significados que já estão embutidos em nossa língua e em nossos sistemas culturais”.

A formação do sujeito e de sua identidade, de acordo com Hall (2005), ocorre ao longo do tempo. Os Parâmetros Curriculares da disciplina Língua Portuguesa sugerem como a mais adequada a abordagem interacionista de linguagem, segundo a qual “é pela linguagem que o homem se constitui sujeito” (BRASIL, 2006, p. 23). Assim, língua e identidade estão entrelaçadas na constituição do sujeito cultural.

É importante que o professor conheça seu aluno, para compreender suas dificuldades e até a recusa em aprender a Língua Portuguesa, uma das passagens mais instigantes dos PCNs está na necessidade de buscar “práticas que propiciem a formação humanista e crítica do aluno, que o estimulem à reflexão sobre o mundo, os indivíduos e suas histórias, sua singularidade e identidade.” (BRASIL, 2006, p. 33, grifo nosso).

Os principais desafios do ensino-aprendizagem vivenciados pelos professores inseridos nesse contexto estão nas dificuldades de ensinar para um sujeito periférico e marginalizado, que se sente menor. Assim é preciso, além de interação e integração de culturas, resgatar a autoestima e o orgulho pelo lugar a partir de onde se fala.

De acordo com o artigo 26 da Lei de Diretrizes e Bases da Educação:

Os currículos da educação infantil, do ensino fundamental e do ensino médio devem ter base nacional comum, a ser complementada, em cada sistema de ensino e em cada estabelecimento escolar, por uma parte diversificada, exigida pelas características regionais e locais da sociedade, da cultura, da economia e dos educandos (BRASIL, 2013, p. 29).

Na Constituição Federal do Brasil, o artigo 210 dispõe sobre a importância de assegurar e respeitar os valores culturais e regionais, além de ressaltar o respeito às línguas maternas dos falantes. Uma leitura mais atenta das Leis mostra que todas estão em conformidade com as pesquisas mais recentes nas áreas de língua, identidade e cultura, em que seja promovido o desenvolvimento integral do sujeito e o meio social.

Desenhando uma metodologia

A pesquisa foi realizada na Escola Estadual Joaquim Murtinho situada à Rua General Osório, 321, Centro, Ponta Porã – MS. É o resultado da integração física da Escola Técnica de Comércio Joaquim Murtinho e do Centro Educacional José Pinto Costa, tendo a Escola Técnica de Comércio Joaquim Murtinho iniciado suas atividades escolares no ano de 1957, conforme portaria N° 137, de 15/03/57, sendo mantida pela Sociedade Educadora de Ponta Porã.

A unidade escolar atende os alunos no contra turno, com turmas do Ensino Fundamental I e Fundamental II, Ensino Médio, Cursos Técnicos, Normal Médio e Cursinhos com total de 2.000 alunos matriculados. Desenvolve projetos e várias modalidades esportivas e culturais como danças, tênis de mesa, voleibol, futsal, judô, dama, xadrez, bandas musicais e outros.

A Escola Estadual Joaquim Murtinho ressalta a importância do respeito à diversidade cultural própria do nosso país e com isso alimenta uma cultura da amizade e tolerância baseada no respeito aos direitos humanos e na escolaridade do povo brasileiro.

No ano de 2014, foi eleito ao cargo de diretor, o professor Claudenilson Friedrich para o triênio 2014/2018. Realizamos uma pesquisa escrita com as turmas do Ensino Fundamental II e Ensino Médio entre os dias 13 e 14 de novembro de 2015 e 2016, com 10 informantes. Foram entrevistados 05 alunos do Ensino Médio, sendo 03 do 2º ano A e 02 do 2º ano B, período matutino e 05 alunos do 6º ano do Ensino Fundamental, período vespertino. Totalizando 06 meninas e 04 meninos participantes da pesquisa.

No Ensino Médio a média de idade foi de 17,4 anos, a cor predominante é a parda. Dos 05 alunos do Ensino Médio entrevistados, 03 alunos já estudaram no Paraguai e 02 alunos nunca estudaram.

No Ensino Fundamental II, a média de idade foi de 11,5 anos e os alunos se declaram brancos, 02 alunos estudaram no Paraguai e 03 alunos não estudaram. Os 02 alunos do Ensino Fundamental II que estudaram na escola paraguaia somente 01 aluno cursou o 1º ano completo e o outro aluno permaneceu até o 2º ano do Fundamental I.

Os alunos que estudaram no Paraguai (durante 03 anos) quando foram matriculados na escola brasileira, tiveram que recomeçar o estudo do zero. Eles já estavam estudando no Paraguai no 3º ano e tiveram que reiniciar no 1º ano, como se nunca tivessem estudado antes, por isso, a média de idade (17,4) é tão elevada no Ensino Médio.

Os alunos entrevistados do Ensino Médio moram no Paraguai, o meio de transporte utilizado para vir à escola é motocicleta conduzida por eles ou por um amigo, já que na fronteira

isso é normal. Os jovens têm acesso facilmente a essas motocicletas de baixo custo e muitos dirigem sem habilitação.

Entre os alunos do Fundamental II que moram no Paraguai é comum vir à aula de moto, que é conduzida pelos pais e os que moram no Brasil vêm de van ou ônibus escolar.

Os alunos do Ensino Médio consideram-se brasileiros e os do Ensino Fundamental, 04 denominam-se brasiguaios e apenas 01 brasileiro, nenhum se considera paraguaio. Embora, na pesquisa 08 alunos responderam que o pai é paraguaio e 01 afirmou que tem pai brasileiro e o outro brasiguai, em relação à mãe, são 08 brasileiras, 01 paraguaia e 01 brasiguai.

Observamos na análise dos dados coletados que os estudantes têm um certo constrangimento em relação a sua nacionalidade, primeiramente quando ainda estão no Fundamental e não têm a consciência do que é identidade, eles se declaram brasiguaios, mas com o passar dos anos eles deixam de se definirem brasiguaios e assumem-se como brasileiros.

De acordo com Silva e Tristoni (2012, p.240),

O termo “brasiguai” remete a uma identidade negativa, desprestigiada, uma identidade criada pela sociedade para caracterizar um povo sem pátria, que não recebe apoio do governo nem de um país nem de outro, e que não é aceito nem pela sociedade paraguaia nem pela sociedade brasileira. Em segundo lugar, que os alunos brasiguaios foram, em sua maioria, alfabetizados em Língua Espanhola e por mais que tenham o domínio do português na oralidade, o mesmo não ocorre com a escrita (SILVA; TRISTONI, 2012, p. 240).

Os entrevistados afirmaram na pesquisa que preferem estudar no Brasil, porque “aqui é mais organizado o ensino”, “ensinam melhor” (fala dos alunos). Eles mostraram claramente que estudar no Brasil foi decisão dos pais, um dos alunos respondeu “porque minha mãe é brasileira e ela quis me meter aqui no Brasil”.

Quando se trata das aulas de Língua Portuguesa, os 10 alunos disseram que gostam da disciplina. Também, afirmaram que é importante estudar o “Português”, dos 05 alunos do Ensino Médio, todos mostraram uma preocupação em relação à produção de textos, principalmente nos textos dissertativo-argumentativos, e no fundamental é com a interpretação de texto.

Ao serem perguntados sobre o que eles mais gostam na aula de Língua Portuguesa, 04 responderam que gostam de escrever e apenas 01 de leitura. A maioria tem dificuldade com interpretação de texto, 01 aluno disse ter dificuldade com gramática e outro comentou “ler, não gosto de ler...”

Tanto os alunos do Ensino Médio, como do Fundamental questionam que deveriam ter mais aulas de leitura, acrescentando “que o professor não fique só passando regras, preocupado

com o conteúdo, que a matéria atrasará se eles pararem para ler, mas que eles (alunos) pudessem participar mais das aulas, lendo, apresentando teatros, interpretando textos e escrevendo”. (fala dos alunos).

Os alunos falam três idiomas ora guarani/português, ora espanhol/guarani. Apenas dois alunos responderam que falam português em casa, no entanto, sabem o espanhol. Todos os entrevistados asseguram dominar a escrita do espanhol e do português, porém não dominam a escrita do guarani, “é muito difícil” (fala do aluno).

Na entrevista, os alunos afirmaram que as leituras são realizadas por eles mediante exigência dos professores como forma de avaliação e também devido a obrigatoriedade imposta pela família de ler a Bíblia. Isso é reflexo da atenção à religiosidade, todos possuem religião e são praticantes, todos afirmaram que já leram a Bíblia.

Porém, dos 05 entrevistados somente 02 lembraram o nome do livro que leu nos últimos 03 meses. No Ensino Médio, leram o livro “Tosco” e no Fundamental, a maioria, citou “A turma da Mônica”.

Solicitamos aos alunos que escrevessem algumas palavras, propomos um ditado, 07 alunos escreveram as palavras em espanhol, a partir disso, podemos constatar que esses alunos pensam primeiramente em espanhol, sua língua materna. Para que os 03 alunos escrevessem as palavras corretamente tivemos que repeti-las várias vezes.

Quanto à avaliação, os alunos afirmam que é necessário e importante ter na escola “e quem não sabe (os conteúdos) tem que reprovar mesmo” (fala do aluno).

Segundo o Referencial Curricular do Estado de Mato Grosso do Sul:

Saber como os estudantes aprendem, quais as estratégias didáticas mais apropriadas para tratar os diferentes conteúdos planejados, quais os melhores instrumentos para verificar as aprendizagens conquistadas e quais as variáveis que podem interferir na avaliação são partes das condições necessárias para o professor avaliar adequadamente seus alunos. Para tanto, é fundamental que os professores saibam avaliar seus alunos, como ainda, as metodologias e instrumentos de avaliação que, direta ou indiretamente, se aplicam à escola, ao ensino e ao próprio desempenho, visto que cada tipo de conteúdo requer instrumentos apropriados de avaliação (MATO GROSSO DO SUL, 2012, p. 43).

A avaliação desses alunos não se resume simplesmente na realização de provas e testes ou nas atribuições de notas ou conceitos, consideramos o conjunto de conhecimentos, conceitos e valores adquiridos pelos alunos durante todo o bimestre.

Breves conclusões

Diante do exposto, conclui-se que é necessário que repensemos nossas práticas pedagógicas como professores que atuam na região da fronteira. Uma vez que, o cenário de fronteira é complexo para o ensino, e quando envolve a aquisição e aprendizagem de outra língua se torna ainda mais difícil.

É importante implantar nas escolas fronteiriças programas como Ensino em Cenário Intercultural de Fronteira, da Universidade Federal da Grande Dourados. Esses programas vêm ao encontro das necessidades dos professores que não estão preparados para receber esses alunos que cruzam a fronteira e vêm estudar em Ponta Porã-MS.

Percebemos que há uma imposição da Língua Portuguesa no ambiente escolar, sem levar em consideração a língua materna, a cultura e a identidade do aluno.

Em consonância com os PCNs, que apontam que:

O papel da língua materna nesse processo é inegável. A língua materna está na base da estruturação subjetiva. Daí que o processo de aquisição de uma outra língua mobilize tanto as questões identitárias, as quais explicam, por vezes, tanto os sucessos quanto os fracassos nessa empreitada (BRASIL, 2006, p. 140)

Isso os PCNs trazem para comentar a importância da língua materna, no caso o português, no ensino da segunda língua, o espanhol, mas o inverso também é verdadeiro quando se trata do papel que tem as questões identitárias no ensino de português para alunos paraguaios/brasiguaios na fronteira.

A realidade do bilinguismo está presente em sala de aula e os professores não estão preparados para lidar com essa situação, na qual os alunos apresentam dificuldade na leitura, na escrita e na compreensão de textos em Língua Portuguesa, principalmente no estudo da gramática.

Como professoras da Escola Estadual Joaquim Murtinho, buscamos respeitar as diferenças, os povos, a língua, a cultura, as experiências e os conhecimentos já adquiridos pelos nossos alunos, objetivamos uma aprendizagem não por imposição nem medo, não seguimos modelos prontos, nem processos engessados (tentamos). O que temos é o desejo de despertar no aluno o gosto pela Língua Portuguesa, que ele participe das aulas e que juntos construamos o saber de forma significativa, sendo simplesmente aluno e professor.

Referências

BRASIL. Constituição (1988). *Constituição da República Federativa do Brasil*. Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988.

_____. *Leis de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBs)*. Brasília: MEC, 1996. Redação dada pela Lei nº 12.796, de 2013.

_____. Ministério da Educação. *Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio. Linguagens, códigos e suas tecnologias*. Brasília: Secretaria de Educação Média e Tecnológica, 2006.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 2005. Disponível em: <<http://comunicacaoesporte.files.wordpress.com/2010/10/hall-stuart-a-identidade-cultural-na-pos-modernidade.pdf>>.

MATO GROSSO DO SUL. Secretaria de Educação. *Referencial Curricular 2012 Ensino Fundamental/Médio*. Secretaria de Educação do Estado de Mato Grosso do Sul. – Campo Grande: SED/MS, 2012.

SILVA, Grasiela Mossmann; TRISTONI, Rejane Hauch Pinto. “Diversidade cultural e linguística nas escolas de fronteira Brasil/Paraguai”. *Revista Travessias*, v. 6, n. 1, p. 234-247, 2012. Disponível em: <<http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/6214>>.